

FUTEBOL

SISTEMAS DE JOGO

Ten Cel KLEBER CALDAS CAMERINO
do Corpo Permanente da EsEFEx

CONSIDERAÇÕES GERAIS

Um sistema de jogo é uma regra preestabelecida para um jogo resultante do uso de certos jogadores, em funções definidas anteriormente no campo.

Os sistemas de jogo devem ser suficientemente flexíveis para possibilitarem o melhor aproveitamento das diferentes capacidades técnicas dos jogadores e permitirem mudar as que são temporárias, de acordo com a maneira de atuar de um adversário.

Antigamente, dentro dos sistemas de jogo, cada jogador tinha uma zona definida no campo e uma missão tática. Nessa época, reprovava-se o jogador que durante o jogo se movimentasse fora de sua zona de atuação, ou, sendo defensor, surgisse inopinadamente participando de ações ofensivas.

Já hoje em dia os atacantes, meio-campistas e defensores das grandes equipes se movimentam por todas as partes do campo, sem restrições, durante todo o jogo.

Se fizermos um estudo retrospectivo sobre a evolução dos sistemas de jogo, vamos chegar à conclusão

de que os sistemas rígidos já foram definitivamente ultrapassados.

Apenas ao goleiro são mantidas as restrições sobre a movimentação; aos demais permite-se o máximo de flexibilidade, dentro do princípio de atacar, quando em posse da bola, e de defender, quando sem a posse da bola.

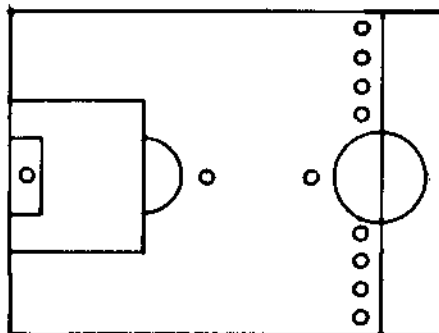
É interessante observar que, desde o início do futebol, há mais de 100 anos, sua evolução ocorreu de maneira bastante curiosa.

Nos anos de 1860/70 o futebol, que era ultra-ofensivo, foi através dos tempos sofrendo a influência das modificações das regras, aliada à motivação proporcionada pelas competições internacionais e à conseqüente necessidade de vencer, e, certamente à evolução técnica e física dos jogadores. Todos esses fatores concorreram para se atingir a fase do ultradefensivismo ocorrida no período de 1964/70.

Já no período de 1973/78, a tendência passou a ser o desenvolvimento do princípio de jogar e de não deixar jogar. Com essa filosofia de jogo surge o chamado "futebol total", em que se defende sem a bola e se ataca quando de posse da mesma.

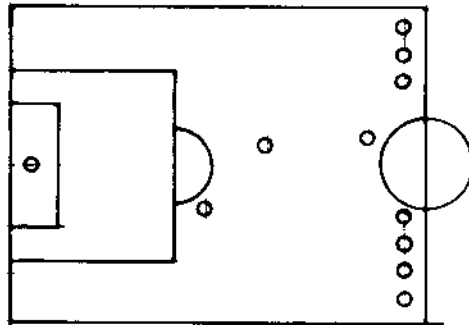
EVOLUÇÃO

Quando o futebol era um jogo individual, e todos os dez corriam atrás da bola, o esquema era de nove atacantes por um de defesa.

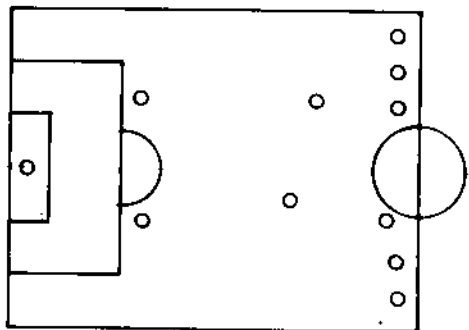


A partir da fundação da Liga Inglesa, em 1863, começou a haver um pouco de ordem na maneira de se jogar. Todavia, ainda que se jogasse com oito atacantes, um meio-campo e um defensor, o fu-

tebol continuava a ser um jogo individual.

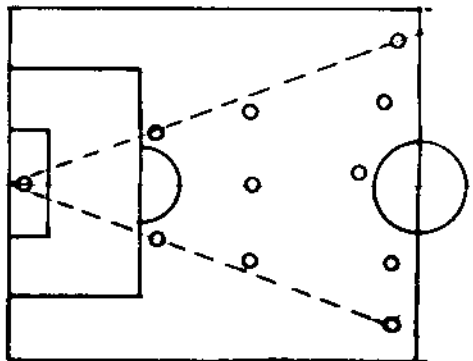


O espírito do jogo em equipe começou a aparecer somente com a extraordinária equipe escocesa do Queens Park de Glasgow, uma equipe amadora que desenvolveu, no começo dos anos 70 (1870) do século passado, um sistema que se tornou conhecido como o sistema escocês, em que a equipe se dispunha em campo com dois zagueiros; dois meios-campos e seis atacantes.



Com este sistema, os escoceses foram superiores aos ingleses durante o período de 1872 a 1880, quando em 17 partidas a Inglaterra ganhou apenas três. A partir de então, os ingleses decidiram reorganizar a sua maneira de jogar.

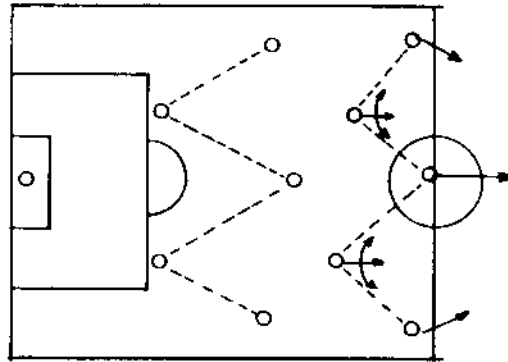
Do sistema escocês (2 - 2 - 6), desenvolveu-se, com o correr dos anos, um sistema que permaneceu por mais de meio século em todo o mundo: o sistema clássico ou "piramidal" (2 - 3 - 5).



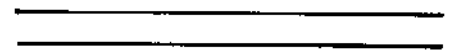
Para fazer frente ao escocês (2 - 6), os ingleses começaram a retrair para o meio campo um ou outro atacante, nascendo assim a clássica linha média. Por fim se alcançava um perfeito equilíbrio tático e lógico: cinco defensores e cinco atacantes.

As equipes do Aston Villa, Preston Northend e Sunderland foram as primeiras a adotar com êxito total o novo sistema que predominou até os fins do século XIX.

mudança do sistema chamado MM para o WM.



Como equilíbrio, para reforçar o ataque, ele liberou mais as ações ofensivas dos médios (direito e esquerdo), que passaram a aparecer mais no campo adversário.



COPA DE 34

COPA DE 30

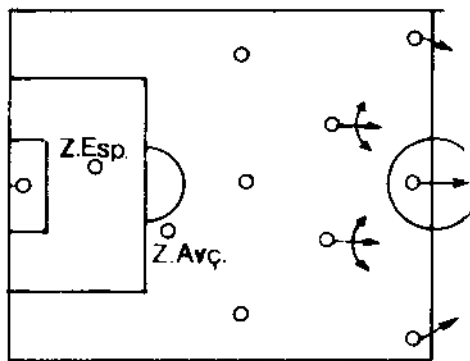
Na Copa do Mundo de 1930, no Uruguai, como todos os outros participantes, a equipe da "Celeste Olímpica" jogou com um centro-médio atacante, Lorenzo Fernandez. Os médios laterais, jogando pelos flancos, eram o famoso José Andrade — um negro pequenino com um controle magnífico de bola — e o forte e simpático Alvaro Gestido, menos inclinado a jogadas de malabarismo, mas, ainda assim, um maravilhoso apoiador. O zagueiro direito, José Nasazzi, capitão da equipe, era extremamente responsável, enquanto o esguio ruivo Hector Scarone, apesar de fisicamente franzino, era "um terror" dentro da área.

O Brasil esteve presente, mas o futebol no país desenvolvia-se ainda de maneira anárquica.

Este sistema clássico (também chamado piramidal) sofreu variações táticas devido à melhoria físico-técnica dos jogadores.

Desta forma, os atacantes não se dipunham em uma linha única, os extremas e o centroavante ocupavam as posições de vanguarda (finalizadores), mas os dois médios atuavam um pouco mais recuados, transformando-se em peças táticas importantes, como lançadores de bola, elementos de ligação e, ao mesmo tempo, homens de frente. Esta variante foi, sem dúvida, uma transição para a

Alguns técnicos, com o propósito de tirar partido da 1.ª Lei do Impedimento (os atacantes tinham que ter três defensores entre eles e a linha de fundo, para não haver impedimento), criaram uma variação defensiva no sistema MM, que consistia no avanço de um dos zagueiros de tal forma que quase sempre os atacantes ficavam em impedimento. O sistema variante ficava assim esquematizado: o goleiro, zagueiro de espera, zagueiro de avanço, os médios, os meias e os três atacantes.



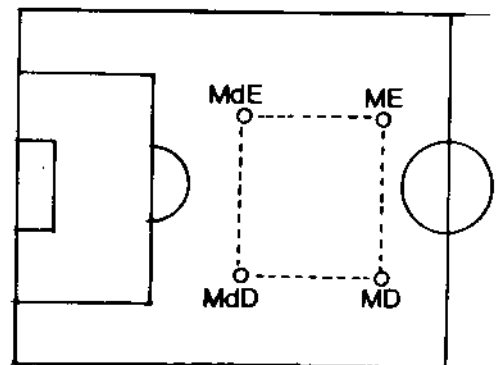
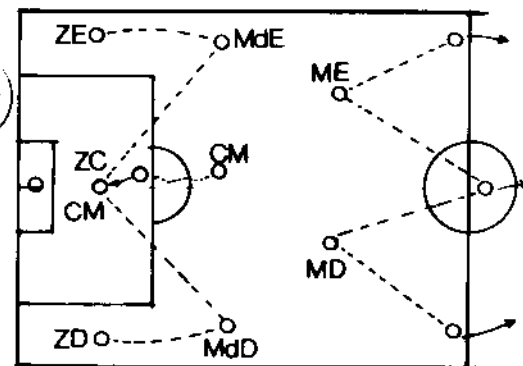
Em consequência, as autoridades da IB decidiram modificar a Lei do Impedimento, que passou a prescrever que dois defensores adiante dos atacantes evitariam seu avanço.

Esta mudança da Lei do Impedimento acarretou uma nova mudança estratégica surgida inicialmente na Inglaterra, em 1925, quando Herbert Chapman, treinador do Arsenal, teve a idéia de recuar o centro-médio para marcar o centroavante, deixando aos dois zagueiros a missão de marcar os ponteiros.

De todos os participantes da Copa do Mundo de 1934, na Itália, somente as equipes da Inglaterra e da Alemanha usavam a tática do terceiro zagueiro.

O Brasil mais uma vez apresentou-se, desta feita com um aglomerado de talento dispersivo, inclusive o pequeno e acrobático centroavante negro Leônidas da Silva, que quatro anos mais tarde alcançaria grande notoriedade.

Destas modificações surgiu o sistema WM, que perdurou por mais de 30 anos.



Este sistema, desenvolvido após a modificação da Lei do Impedimento em 1925, permitiu aos atacantes ocuparem posições mais avançadas; em consequência, os times passaram a dar mais atenção às organizações defensivas, particularmente à responsabilidade da cobertura a ser realizada pelos defensores. As equipes passaram a ter três atacantes presentes constantemente na área adversária, o que obrigou o recuo do centromédio para a zaga central com a consequente aproximação dos dois médios (esquerda e direita) para o meio campo. Esta preocupação do domínio do meio da área motivou na maioria das equipes o recuo dos meios, em busca da ligação mais estreita entre a defesa e o ataque e de espaço para a criação de jogadas. Foi formada, então, uma unidade de quatro jogadores no meio campo, o chamado "Quadrado Mágico" formado pelos médio esquerdo e médio direito e os meia-esquerda e meia-direita. Desde então, os pontas e o centroavante passaram a constituir a linha mais avançada do ataque.

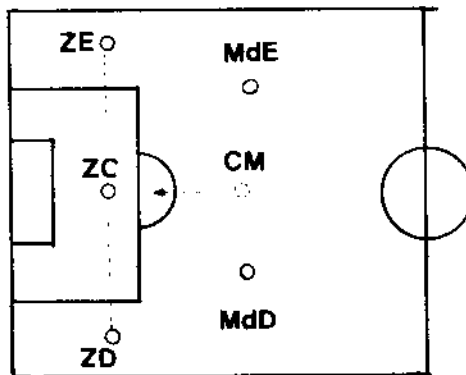
Ao Arsenal F. Clube é creditada a introdução deste sistema no futebol inglês. O sistema foi desenvolvido por Herbert Chapman, que estabeleceu princípios básicos e adaptou a nova Lei do Impedimento. Os centromédios que tinham sido jogadores de meio campo até 1925 foram recuados para a zaga central. Os médios direito e esquerdo passaram a ocupar o meio campo e os pontas passaram a ter um pouco mais de liberdade. Ao mesmo tempo, Chapman preconizava que, defensivamente falando, determinadas áreas do campo eram mais importantes que outras. O seu sistema defendia a tese de que a área em frente ao gol era a mais importante do campo. Afirmava, ainda, que quando uma equipe vai completamente para o ataque e não há cobertura bem feita, abrem-se enormes espaços às costas dos zagueiros, onde passes longos podem ser realizados.

O sistema de Chapman baseava-se em três princípios básicos:

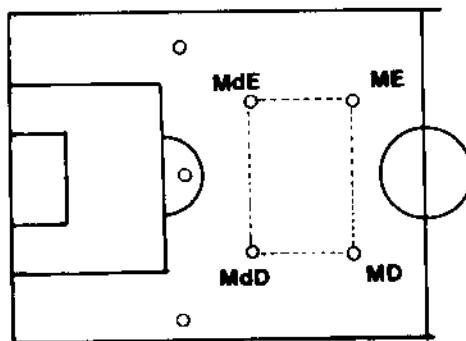
1. organização de uma forte defesa de onde rápidos contra-ataques poderiam ser realizados,
2. utilização de um ou dois jogadores para organizar as ações ofensivas, e

3. necessidade de velocidade e poder de finalização dos ponteiros e do centroavante.

O sistema WM desenvolveu-se, criou situações, trouxe alterações e propiciou a evolução tática no aspecto da necessidade de se realizar uma cobertura. Isto fez com que os times procurassem desenvolver a habilidade técnica de seus jogadores e explorassem os recursos físicos para organizar-se taticamente. Os jogadores tinham função defensiva, porém podiam fazer uso da criatividade e da imaginação.



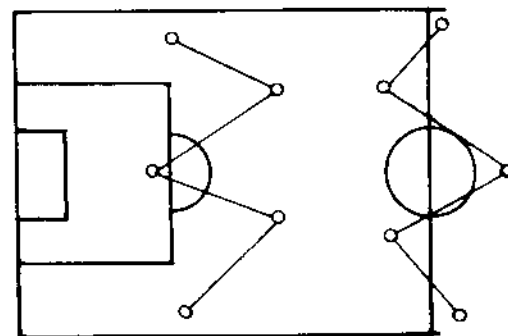
O sistema WM era tão ou mais ofensivo do que o sistema clássico. O "quadrado mágico", formado pelos médios (direito e esquerdo) e os meios (direita e esquerda), era responsável pelo poder ofensivo do sistema.



Em 1934, a Alemanha seguiu o exemplo do Arsenal, graças à influência do seu treinador Nerz, estudioso do futebol inglês, que recomendou, através da revista *Fussbol*, de Munich, denominar o

sistema do centromédio recuado (3.º beque) de WM, uma vez que o ataque tinha a forma de um W e a defesa a de um M. Esta denominação se propagou e se estabeleceu com o correr dos anos por todo o mundo.

Os outros países do continente europeu seguiram muito lentamente o modelo alemão.



Na América do Sul, o culto idolatrado do centromédio clássico e ofensivo chegava a tal ponto que as modificações táticas tardaram mais ainda a ser adotadas.

O grandioso e histórico sistema WM, dos anos 30, praticado pelo Arsenal, que lhe deu cinco (5) vezes o Campeonato e duas (02) vezes a Copa da Europa, merece ser perpetuado.

O primeiro zagueiro-central (3.º beque) chamava-se Roberts. Os atacantes Hulme, Jack, Drake, James e Batin, jogando escalonadamente, formaram o ataque mais famoso de todos os tempos do sistema WM.

Foi graças ao WM que a Alemanha obteve o surpreendente 3.º lugar no Mundial de 1934, na Itália. A equipe nacional da Alemanha foi a primeira a adotar o sistema WM.

Os alemães possuíam na época os típicos jogadores para o sistema WM.

A equipe da Áustria, célebre na época como "equipe maravilha", fracassou diante dos italianos.

No Mundial da França em 1938, enfrentaram-se na Final os centromédios ofensivos da Itália e da Hungria. Já em 1934 a Itália disputara a final com a Tcheco-Eslováquia. Em ambas as oportunidades a equipe italiana, dirigida por Vitorio Pozzo, saiu vitoriosa. Seus médios ofensivos, Monti e Andreolo, eram de classe mundial.

Realmente era um time formidável, e comparando-o com o de 1934, Pozzo escreveria: "o time de Roma era talvez mais forte e mais combativo no plano individual; já o de Paris era melhor em conjunto, coletivamente, com melhor entendimento e harmonia".

O Brasil, desta feita bastante empolgado e entusiasmado, foi o primeiro país a chegar e o último a sair, trazendo em sua equipe uma plêiade de brilhantes craques, mas no fim sucumbiram em Bordeaux, diante da Itália.

Aos poucos, o sistema WM foi se estabelecendo no continente.

O primeiro país que idealizou uma nova estratégia para fazer frente ao WM foi a Suíça.

Seu treinador, Karl Rappan, desenvolveu e aperfeiçoou durante 25 anos o "ferrolho" suíço (não confundir com "libero"). Rappan não suprimiu o centromédio clássico ofensivo, ainda muito popular, apenas recuou os médios direito e esquerdo para a linha de zagueiros, para marcarem os pontas adversários; escalonou os dois zagueiros um atrás do outro e deixou que a zona frontal a eles fosse dominada por um duo central, formado pelo centromédio clássico ofensivo e um meia recuado.

Com este sistema, Rappan alcançou êxito sensacional nos anos 30, inclusive contra a Inglaterra, que era nessa época a potência futebolística dominante. É bem verdade que para desenvolver o jogo dentro deste sistema Rappan possuía vários jogadores extraordinariamente talentosos: o ofensivo centromédio Vernati, de renome mundial e que atuava em uma grande faixa de campo; o zagueiro de grande classe Minelli; o notável médio Springer; os pontas Bickel e Aeby; e os meias artilheiros Abegglen e Amado.

O sistema ofensivo, com dois centroavantes atuando praticamente de flanco a flanco, confundia os zagueiros centrais. Além do mais, o compacto sistema defensivo ("ferrolho") escalonado era muito difícil de ser ultrapassado. Já na Copa de 38 a Suíça venceu a Alemanha por 4 x 2 jogando neste sistema.

O sistema do "ferrolho", baseado na sobra de um jogador atrás da linha de zagueiros e no congestionamento dos defensores na parte frontal da área de pênalti, representa a supremacia defensiva e o conseqüente desequilíbrio do ataque, que fica limitado a incursões rápidas e esporádicas, denominadas contra-ataques.

O sistema WM chegou ao Brasil em 1937, por intermédio do técnico húngaro de nascimento, Dori Kruschner, discípulo de Chapman, que foi contratado pelo Flamengo, onde colocou em prática as idéias básicas sobre o WM.

Combatido por uns, aplaudido por outros, Kruschner trabalhou e conseguiu disciplinar e ordenar o até então empírico futebol brasileiro. Na sua passagem pelo Brasil, Kruschner criou uma escola e deixou discípulos e foi através de um de seus seguidores que suas idéias continuaram vivas, ganhando corpo e forma definitiva.

Aperfeiçoando e adaptando os ensinamentos de Kruschner ao futebol brasileiro, um mestre se destacou e conquistou fama no cenário nacional. Este mestre foi Flávio Costa ("Alicate"), que tendo convivido e trabalhado com o famoso técnico quando de sua passagem pelo Flamengo, assimilou os seus ensinamentos, aperfeiçoou-os, para depois aplicá-los na prática.

Flávio adotou um sistema que surgiu de estudos e observações

sobre as qualidades e características próprias do jogador brasileiro.

O sistema surtiu bons efeitos e passou a ser regra geral em todo o país.

Partindo do princípio do terceiro zagueiro, de Chapman e Kruschner, Flávio com muita perspicácia e inteligência realizou uma pequena, mas sutil, modificação na disposição dos jogadores dentro da nova estratégia, criando assim o sistema que foi batizado pela imprensa de "diagonal".

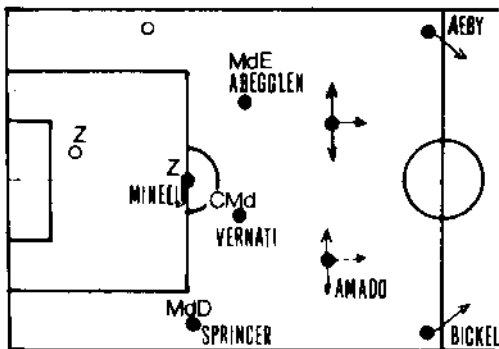
É o próprio Flávio Costa quem define o sistema diagonal:

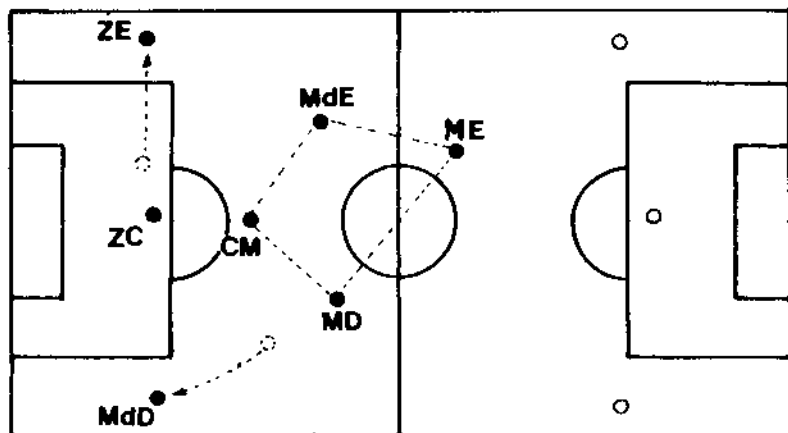
"Estudando e observando, cheguei à conclusão de que o jogador brasileiro, possuidor de características próprias, malabarista por excelência, de grande mobilidade, não se adaptaria a um sistema rígido. Ao mesmo tempo compreendi a necessidade de estabelecer um tipo de marcação rigorosa em que os defensores não se distanciassem muito dos atacantes contrários. Assim, adotei a marcação cerrada, baseada no "terceiro beque", diferente da teoria ortodoxa de Chapman, segundo a qual o homem que recua para completar a linha de zagueiros é o centromédio.

Dispus as coisas de outra maneira. Recuei um médio de ala, que ficou com a missão de marcar um dos extremos contrário; e, enquanto um dos zagueiros marca o centroavante, o outro deve policiar um extremo. Resta o centromédio e um médio de ala. A esses dois elementos coube a função de marcarem os meias adversários, ao mesmo tempo em que deveriam apoiar as ações ofensivas.

Naturalmente que o ataque se armaria em função da retaguarda. Por conseqüente, um dos atacantes jogaria recuado (um dos meias), fazendo o trabalho de coordenação de jogadas entre o ataque e a defesa. A este homem a linguagem popular batizou de meia de ligação. Este meia de ligação era, porém, um atacante como os outros.

Havia um outro homem que tinha uma função específica dentro do sistema. Era um meia que não recuava como o de ligação, e que a sabedoria popular denominou de ponta-de-lança. Mas, prefiro chamá-lo de homem-gol."





Obs.: FLA/42-43-44; BOTAF/48

COPA DE 50

Em 1950, durante a Copa Mundial no Brasil, constatou-se com surpresa que os sul-americanos já adotavam o WM e o "ferrolho". O WM adotado era torto e assimétrico, resultado da modificação e adaptação feita pelo treinador Flávio Costa. Por outro lado, a variante do "ferrolho" adotado pela equipe uruguaia no jogo final com o Brasil deu-lhe o título mundial.

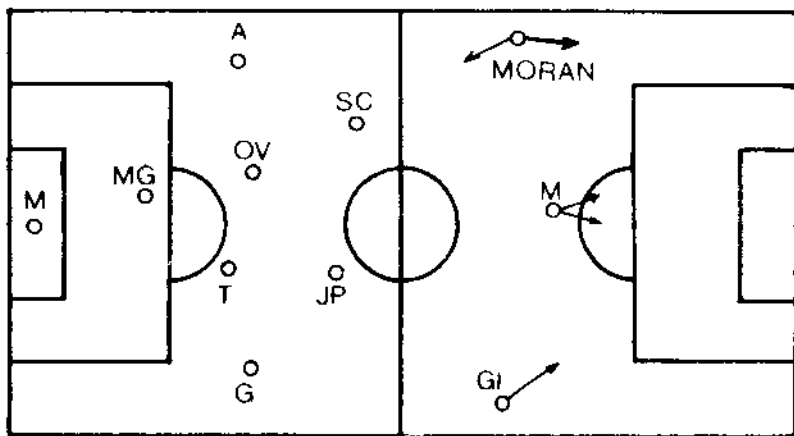
O Uruguai copiou o "ferrolho" suíço. O extraordinário ataque do Brasil chocou-se com a defesa escalonada em forma de triângulo, onde um cobria o outro e o incomparável goleador Ademir se via perdido diante da marcação inextinguível do duo Varela-Andrade ou Varela-Tejera. O formidável centro-médio Varela possibilitou ataques impetuosos, assim como fazia Vernati na equipe suíça. O célebre Andrade formou, nesta variante do "ferrolho" uruguaio, uma "janela", como a chamou Varela.

"Nós sabíamos — disse o herói absoluto do dia — que éramos técnica e individualmente inferiores aos brasileiros. Após as vitórias conquistadas por eles contra a Suécia e a Espanha, abandonamos

nossa intenção de usar o líbero e nos voltamos para a velha tática. Com poucas modificações tomadas por empréstimo da formação com líbero, conseguimos erigir uma gaiola, da qual os atacantes poderiam poucas vezes escapar. Quantas vezes conseguiu Ademir passar por mim? Quando ele conseguia, havia sempre Andrade ou Tejera para cobrir.

Nosso plano estabelecia que cada atacante brasileiro tivesse ao menos que enfrentar dois defensores nossos antes que pudesse chutar. Conseguimos isso graças à aceleração, velocidade e ímpeto de Andrade, que parecia estar em todas as posições e que efetivou formidáveis recuperações. Sem ele, nossas contramedidas teriam fracassado inevitavelmente."

Já Andrade confessava: "Nosso time é muito estranho. Ele é capaz de qualquer coisa. Contra o Brasil nós não retivemos em nossos corpos uma só gota de suor; mas, o que poderíamos ter feito?"

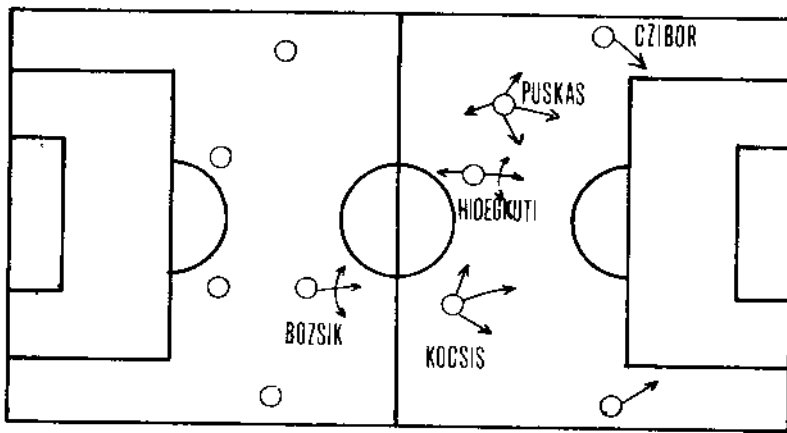


Uma sensacional partida internacional entre a Inglaterra e Hungria produziu em 1953 uma nova mudança. Pela primeira vez, em 90 anos de existência, a Inglaterra perdia em Wembley. A vitória de 6 a 3 dos húngaros significou a queda definitiva do sistema WM.

Com efeito, a Hungria jogava em um novo sistema que começou a ser utilizado nas Olimpíadas de Helsínki em 1952. Sob a direção do grande estrategista e treinador Sebes, nasceu a nova e maravilhosa equipe húngara de 1953/54.

Nandor Hidegkuti, outrora ponteiro, havia aperfeiçoado uma tática de jogo que era praticamente nova para os centroavantes. O segredo de Hidegkuti era que ele não somente recuava bastante, permitindo a Kocsis, "a cabeça de ouro", e a Puskas, "com magnífica noção de estratégia", trabalharem como uma espécie de pontas-de-lança duplos, alimentados pelo próprio Hidegkuti, que também era perigosíssimo quando avançava para fazer uso do seu tremendo chute de perna direita.

No seu trabalho de meia-canção, Hidegkuti tinha vigorosa assistência do médio direito Bozsik, o "dinamo da equipe", um jogador impulsivo de características ofensivas, com um vigor, confiança e um soberbo controle de bola.



Os ingleses não notaram isto, inclusive o seu importante zagueiro central Wright se manteve obstinadamente atrás, em frente ao goleiro, e os dois médios laterais jogaram avançados, sem manter um contato direto e aproximado com seus adversários Puskas e Kocsis, como habitualmente faziam. Deste modo, os húngaros tiveram livre acesso para marcar seis (6) gols e pela primeira vez começou a aparecer a linha de quatro (4) atacantes na ofensiva.

Nesta mesma época, no Brasil, ocorria um fato semelhante, partindo do sistema diagonal. Um meia-esquerda de nome Ademir, pelas suas admiráveis características técnicas e físicas, se fazia presente na área adversária em quase todas as ações ofensivas. Isto representava a presença do quarto atacante na linha ofensiva.

lava o Hidegkuti. O brilhante médio direito Bozsiak, habitualmente ponto de partida de todo o ataque, perdia-se diante do magnífico organizador de jogo Fritz Walter, que atuava pela meia esquerda.

A Alemanha mostrou assim à Inglaterra como se deveria jogar contra os húngaros, e derrotou-os por 3 a 2.

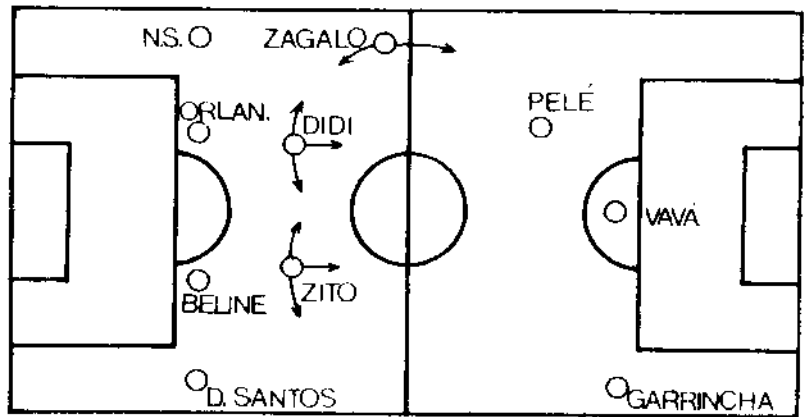
O Brasil, com Pinheiro como zagueiro central, Zezé Moreira como técnico rigorosamente dedicado ao sistema da diagonal, iria capitular diante da Hungria, na chamada batalha de Berna, por 4 x 2.

Era, sem dúvida, o advento do 4 2 4 ou 4 - 3 3.

Em 1958, no Mundial da Suécia, os brasileiros causaram grande sensação, não só pela presença de seu jovem fenômeno futebolístico Pelé, de 17 anos, como pelo novo sistema de jogo apresentado.

O sistema de jogo dos brasileiros nada mais era que o 4 - 2 - 4 húngaro de 1954 na Suíça, com uma pequena diferença, que residia em não recuar o centroavante para armar o jogo e sim um dos médios, no caso o extraordinário Didi, que realizava um desempenho semelhante a Fritz Walter.

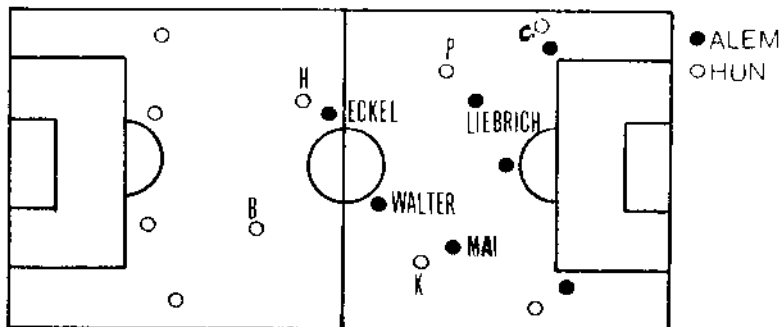
Atrás da linha atacante de quatro jogadores, Didi dominava o meio campo com o médio Zito diante da linha defensiva de quatro (4) jogadores, Djalma Santos, Belini, Orlando e Nilton Santos.



COPA DE 54

Em 1954, no Campeonato Mundial na Suíça, o treinador alemão Sepp Herberger, no jogo final com a Hungria, mostrou a solução para enfrentar o maravilhoso time de Puskas.

Mandou realizar uma marcação ampla sobre os adversários, cerrou mais a marcação sobre Puskas e Kocsis com o seu zagueiro central Liebrich e o seu médio lateral Mai, enquanto o outro médio Eckel anu-



É fora de dúvida que o novo sistema 4 - 2 - 4 evoluiu da diagonal: à medida que aquele médio se sentia "empurrado" para a linha de zagueiros, pela constante presença na área do ponta-de-lança, transformando-se em um quarto zagueiro, o meia ficava lado a lado com o outro médio no meio campo, indo o ponta-de-lança jogar definitivamente no ataque.

A base defensiva do sistema foi o recuo para a linha de zagueiros de um médio, sobre o que o sistema foi desenvolvido. No meio de campo a ligação entre a defesa e o ataque era estabelecida por dois jogadores que atuavam no meio de campo. Quando o adversário estava de posse da bola estes dois homens de ligação tornavam-se médios. Quando seu time tinha posse da bola, eles tornavam-se atacantes. Este sistema de jogo exigia um grande trabalho de dois jogadores de meio campo. Em todas as fases do jogo eles trabalhavam lado a lado, apoiando-se mutuamente. Se o sistema fosse rígido o trabalho exigido dos homens de ligação seria pesado. Somente em uma equipe de jogadores versáteis e de elevado nível técnico seria possível desenvolver-se um intercâmbio de funções para aliviar o trabalho do meio campo. Este intercâmbio de funções era o princípio mais importante da concepção ofensiva do sistema. A idéia básica do sistema 4 - 2 - 4 era possibilitar um ataque com pelo menos seis atacantes, quando de posse da bola, e, pelo menos, sete defensores, quando o adversário é que estivesse de posse da bola.

Sem dúvida que o uso dos movimentos de surpresa era parte importante para o sucesso do ataque, mas envolvia uma dose de risco calculado no entendimento que exigia entre todos os jogadores do time.

Novamente em 1962, no Mundial do Chile, os campeões brasileiros surpreenderam o Mundo com uma nova variante de caráter acentuadamente defensivo. O Brasil jogava num sistema de 4 - 3 - 3, fazendo recuar o seu ponta-esquerda Zagalo para trabalhar no meio campo junto a Didi e Zito. Esta variação do sistema 4 - 2 - 4 ocorreu quando um time usou três jogadores no meio campo. Estes três jogadores eram os que apoiavam o ataque o tempo todo. Este sistema empregado rigidamente era mais defensivo. O ataque seria mais enfatizado quando aos três jogadores do meio campo eram dadas liberdades para tomarem parte nos movimentos ofensivos, bem como encorajar qualquer dos zagueiros para aparecer de surpresa no ataque buscando a finalização.

Com esta nova variante o Brasil conseguia o segundo título Mundial consecutivo.

A equipe do Real Madri, superior a todas as outras, nos fins dos anos 50 e no início dos anos 60, utilizava um sistema semelhante ao 4 - 3 - 3, influenciado decisivamente pelo caráter dominante de suas personalidades futebolísticas: Di Stefano, Puskas, Gento e Santamaria. Puskas atacava como um "tanque", no estilo antigo, quase na mesma linha que os ponteiros. Atrás da linha dos atacantes, Di Stefano, um gigante do futebol, desenvolvia toda a sua arte em um raio de ação incrivelmente amplo para essa época, ora ajudando a defesa e ao seu próprio goleiro. Seu companheiro do meio campo atuava à frente da linha defensiva de 3 ou 4 jogadores, comandada magistralmente por Santamaria. O sistema de jogo do Real Madri, muito imitado, era bastante flexível. Quando atacava, jogava em 4 - 3 - 3 e ao defender-se usava 4 - 4 - 2.

A equipe do Benfica, Lisboa, com seu célebre atacante Eusébio, usou uma variante do antigo sistema WM, para destronar o 4 - 3 - 3 flexível do Real Madri.

Quando o maior ganhador da Copa da Europa, o Real Madri, tentou reconquistar a sua hegemonia em 1964, a Internazionale de Milão fechou-lhe o caminho na final em Viena com um sistema que era

famoso, mas desacreditado no mundo: o super "catenaccio".

Na maioria dos sistemas de jogo utilizado podemos hoje observar variantes do princípio do "catenaccio".

Deve-se evitar a tradução desta palavra, que já é por demais conhecida mundialmente e nada tem a ver com os termos "riegel" (alemão), o "verron" (francês), o "cerrojo" (espanhol), que são suas traduções nestes idiomas.

A tática defensiva de recuar um médio para atuar como último homem atrás da linha de zagueiros foi adotada pela Internazionale como um princípio de jogo. O jogador atuando nesta posição recebeu o nome de "libero", transformando-se num conceito mundial.

A Inter atuava com quatro zagueiros à frente do libero, três meios-campos, e atacava com dois dianteiros famosos, Mazzola e Jair. O sistema resultante é 1 - 4 - 3 - 2, contra o qual o Real em Viena (1 : 3) nada pôde fazer.

Nesta época, o libero da Inter, Facchetti, causou sensação com suas típicas escapadas até a área adversária. Este estilo agressivo foi imitado cada vez mais e o resultado foi a imposição de mais esta função ao libero, outrora apenas com missões defensivas.

O libero se transformou em defensor e atacante, ora defendendo dentro de sua própria área, ora indo no ataque e marcando gols. O jogador Beckenbauer foi o representante mais perfeito deste estilo, o exemplo típico de um libero moderno.

Sob a orientação de Schoen, a Alemanha utilizou pela primeira vez este sistema de libero ofensivo em 1968, no Rio, contra o Brasil.

Nesta oportunidade, Beckenbauer brilhou na função de libero.

A final da Copa de 1966, Inglaterra e Alemanha (4 : 2), figura hoje como um manual de tática em que o desenvolvimento de um plano básico e de uma estratégia moderna fugiu completamente dos sistemas rígidos.

A Inglaterra, sob a direção de Alf Ramsey, jogou praticamente sem pontas. Com três zagueiros (Cohen, J. Charlton e Wilson); cinco meios-campos (Pall, Stiles, B. Charlton, Moore e Hurst), com funções defensivas e ofensivas e

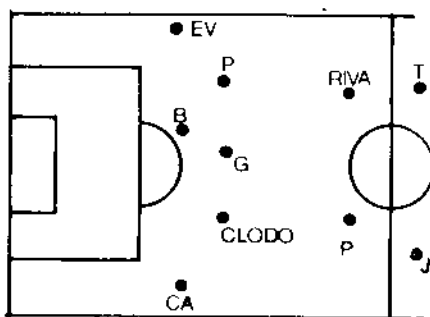
dois atacantes, a Inglaterra apresentava um sistema 3 - 5 - 2.

Graças a Helmut Schoën, os alemães apresentaram um esquema 1 - 3 3 - 3 da seguinte forma: um líbero Schulz, os zagueiros Hottges, Weber e Schnellinger, três meios-campos, Haller, Beckenbauer e Overath, e os atacantes Seeler, Hold e Emmerich.

Já nessa época as formações básicas, devido à grande movimentação das operações táticas, se dissolviam, resultando uma tentativa desesperada de definir-se os sistemas. Tanto assim que os gols dos alemães não foram feitos pelos atacantes, e sim por Haller e Weber, um meio-campo e um zagueiro, respectivamente.



COPA DE 70



Por ocasião da Copa de 1970, no México, tão brilhantemente conquistada pelo Brasil, notou-se que



COPA DE 74

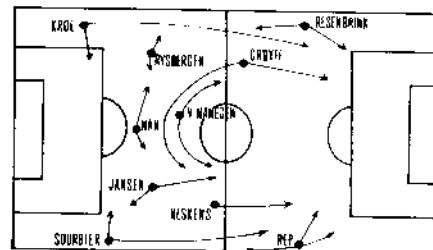
No Mundial de 1974, na Alemanha, principalmente as equipes da Alemanha, Holanda e Polônia mostraram claramente que a rigidez dos velhos sistemas tinham passado definitivamente, e que no futuro se exigiria de cada jogador a capacidade de ocupar qualquer posição na equipe, exceto o goleiro.

Os holandeses deslumbraram na Copa de 1974, na Alemanha Oci-

a equipe campeã reunia um grupo de jogadores de alto nível técnico, baseado em um sistema de jogo compacto, mas também bastante flexível, onde os jogadores adaptavam-se às circunstâncias da partida, sempre comandados por Pelé, Gerson, Carlos Alberto, Tostão, Rivelino e Jairzinho, em torno dos quais gravitavam os demais jogadores.

Foi, sem dúvida, uma notável demonstração de futebol-arte como o mundo há tempos não presenciava, graças a uma equipe de elevadíssimo nível técnico e poder de criatividade.

O sistema holandês muito se assemelhava ao da Inglaterra em 1966, entretanto, durante a partida, efetuavam deslocamentos com e sem a bola, traçando trajetórias circulares, criando espaços que eram imediatamente ocupados por outros jogadores, constituindo uma mudança total em tudo até então visto.



Assim como a Hungria em 54, a Holanda em 74 fez uma revolução nas concepções de jogo, mas não chegou ao título. Curiosamente, essas duas revolucionárias equipes foram derrotadas na final pela potência física e temperamental dos alemães, aliada a uma notável disciplina e dedicação tática.

Na final de Munich, a Alemanha Ocidental não exibiu a riqueza visual do futebol carrossel dos holandeses, mas soube controlá-lo e anulá-lo, partindo da marcação implacável de Bertie Vogts sobre Johann Cruyff.

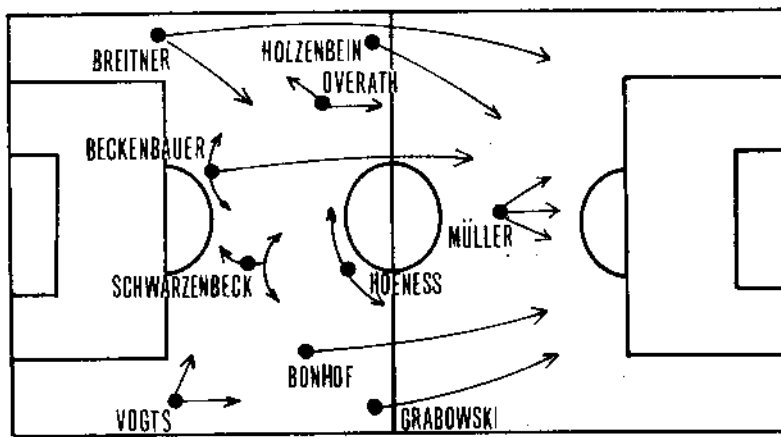
Ao seu modo jogaram um futebol total, atuando como um bloco de defensores, meios-campistas e atacantes, com vários jogadores perfeitamente dotados e preparados para jogar em qualquer lugar do campo em qualquer função.

O único jogador solitário separado do bloco alemão foi Gerd Müller, um especialista absoluto, um ponta-de-lança convicto e confesso, ao estilo dos grandes centroavantes do passado.

Com disciplina e tenacidade, foi a Alemanha Ocidental a grande campeã de 1974.

dental, com o chamado futebol circular, total ou carrossel. Em torno do talento de Johann Cruyff como capitão, líder e cérebro da equipe, a Holanda alinhou oito jogadores de notável versatilidade funcional treinados para defender, apoiar, atacar, jogar e lutar. O outro cabeça da equipe era Van Hanegem, com um estilo muito parecido ao de Gerson em 1970, com equivalente capacidade de segurança e criatividade na perna esquerda.

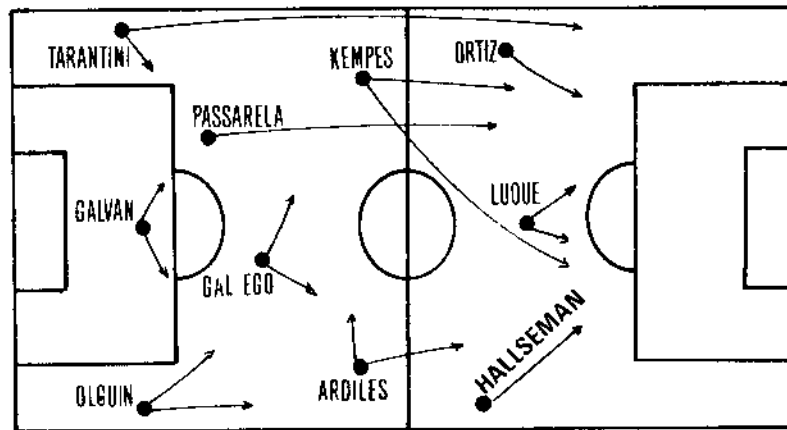
Cruyff definiu assim a sua equipe: "Não temos um sistema de jogo. Temos vários e vamos aplicando cada sistema segundo as circunstâncias da partida. O importante é que cada jogador da equipe saiba o que fazer na defesa, no meio ou no ataque em cada momento do jogo."



O futebol tornava-se tão rápido e o raio de atuação de cada jogador tão amplo que ao se falar em sistemas era necessário esclarecer o novo conceito mundial do termo.

Os holandeses, apesar de derrotados, mostraram, de uma forma impressionante, como dez jogadores podem jogar em todo o campo, com um sentido total de espírito de equipe e de aproveitamento do espaço do campo de jogo.

Modificava-se assim o conceito até então aceito pela maioria dos países de que o jogador deveria atuar dentro de um sistema de jogo com funções perfeitamente determinadas, sem liberdade de procurar o jogo por onde melhor pudesse desenvolvê-lo.



COPA DE 78

No Mundial da Argentina de 1978, sentiu-se perfeitamente que o conceito de futebol moderno sofreu definitivamente um enfoque diferente.

Já não se viam nas grandes equipes jogadores com a capacidade técnica de um Pelé, de um Beckenbauer, de um Cruyff. A ausência dos grandes astros da arte de jogar futebol foi uma constante

em todas as equipes que disputaram a Copa de 1978. A era dos "gênios" ficou para trás.

A ausência do craque foi substituída pelo futebol solidário, compacto e total. E foi com este tipo de futebol que a Argentina tornou-se a campeã. Uma equipe bem montada, treinada, disciplinada, com uma estrutura baseada em torno de excelentes jogadores como Fillol, Passarella, Ardiles e M. Kempes. A seleção argentina foi a que apresentou o melhor futebol da Copa 78.

As formações de hoje em dia não dizem muito sobre a função de cada jogador.

A filosofia de jogo é jogar quando de posse da bola e de não deixar jogar quando sem ela.

BIBLIOGRAFIA

História Ilustrada do Futebol Brasileiro — EDOBRAS
FIFA NEWS — FIFA
O Brasil em todas as Copas. Observações pessoais durante as Copas do Mundo de 1970 - 1974 - 1978.

O presente artigo foi escrito antes da realização da Copa do Mundo de 1982, na Espanha. Por isso, ele comenta todas as Copas até a de 1978, na Argentina.